

**Transitivização de
sumir e desaparecer
no português: um caso
de construcionalização
lexical**

*Transitivization of the verbs
sumir and desaparecer in
portuguese: a case of lexical
constructionalization*

Monclar Guimarães LOPES (UFF - Niterói)
monclarlopes@id.uff.br

LOPES, Monclar Guimarães.
Transitivização de sumir e
desaparecer no português: um
caso de construcionalização lexical.
Entrepalavras, Fortaleza, v. 7, p. 66-
83, jan./jun. 2017.

Resumo: Este trabalho visa à descrição do processo de transitivização dos verbos *sumir* e *desaparecer* no português. Tais verbos, a despeito de serem considerados tradicionalmente formas inacusativas – isto é, verbos intransitivos a cujos sujeitos atribui-se um termo de papel paciente –, podem apresentar-se em construções transitivas em nossa sincronia, na medida em que passam a instanciar uma nova construção: [Sagt V.COM OBJafetado]. Defende-se que tal mudança representa um processo de construcionalização lexical (T&T, 2013), na medida em que tanto o entricheiramento do verbo e da preposição quanto a perda de composicionalidade acarretam uma FORMANOVA-SENTIDONOVO, cujo resultado representa uma nova aquisição para o inventário lexical. Paralelamente, assume-se que esse processo de mudança é cognitivamente motivado pela tendência de o sujeito sintático apresentar uma propriedade de causação, conforme defende Langacker (2008).

Como metodologia de pesquisa, procedeu-se à análise quantitativa e qualitativa de dados a partir do século XIV, extraídos de dois diferentes corpora. Observou-se que as construções transitivas de *sumir* e *desaparecer* surgem nos registros escritos a partir do século XIX. Durante a análise, separaram-se os contextos de mudança linguística nos parâmetros de Diewald (2002). Constatou-se que as ocorrências da construção transitiva de *desaparecer*, além de mais frequentes, revelam mais contextos atípicos que as de *sumir*. Isso mostra que a primeira, além de mais antiga na língua, pode ter promovido a construcionalização da segunda através de um processo analógico. Isto é, uma vez formado um sub-esquema de padrão V.COM na construction, “a regra” tornou-se produtiva, admitindo novos elementos e promovendo novas microconstruções.

Palavras-chave: Transitivização. Construcionalização lexical. Linguística funcional centrada no uso.

Abstract: This paper describes the process of transitivization of the verbs *sumir* (to vanish) and *desaparecer* (to disappear) in Portuguese. Such verbs, despite being regarded as unaccusative forms in the traditional literature, are frequently found in transitive constructions in nowadays synchrony. It is argued that this change represents a process of lexical constructionalization (T&T, 2013), as far as the verb and the preposition become more entrenched and show loss of compositionality. It results in a FORMNEWMEANINGNEW and, as a consequence, represents a new acquisition for the lexical inventory. Besides, we assume that this process is cognitively motivated since there is a tendency for the subject presents a causation property, as Langacker argues (2008). As a research methodology, we made both quantitative and qualitative analysis of data since the fourteenth century, extracted from two different corpora. It was observed that the transitive *sumir* and *desaparecer* constructions appear in written records only in the nineteenth century. During our analysis, we separated the linguistic contexts by the light of the parameters established by Diewald (2002). It was found that occurrences of the *desaparecer* transitive construction show more atypical contexts than those expressed by the verb *sumir*. It shows that the first construction, besides being older in Portuguese, can be the source for the transitivization of the second through analogization. In this point of view, once formed a subscheme V.COM in the construction, the new “rule” became productive and started admitting new members and new microconstructions.

Keywords: Transitivization. Lexical constructionalization. Cognitive functionalism.

Introdução

O objetivo deste trabalho é o de descrever o processo de transitivização dos verbos *sumir* e *desaparecer* no português. Tais verbos, a despeito de serem tradicionalmente formas inacusativas – isto é, verbos intransitivos a cujos sujeitos atribui-se um termo de papel paciente –, podem apresentar-se em construções transitivas em nossa sincronia, haja vista que passam a instanciar uma nova construção: [S_{agt} V.COM OBJ_{afetado}]. Abaixo, seguem dois exemplos extraídos do Corpus do Português:

(1) Já está criada. Uma coisa ele pode dormir tranquilo: não vou fazer o que ele ou os assessores dele fizeram. Não vou **sumir com** documento de projeto.

(2) O TJ não tem interesse em **desaparecer com** um cidadão como esse, pelo contrário.

Em (1) e (2), observam-se instanciações das duas microconstruções de estrutura argumental em análise nas quais se prevê tanto um argumento externo no papel de agente quanto um argumento interno no papel de afetado. Em seus empregos mais primitivos, *sumir* e *desaparecer* instanciam a construção inacusativa [Spac V], como observamos nos exemplos abaixo, extraídos do mesmo corpus:

(3) – Elas costumam **sumir** em poucos dias ou podem persistir?

(4) Os monumentos, que fazem da história a melhor parte, e a mais visível, não só estragam, mas **desaparecem**, e de tal sorte, que nem vestígios deixam por onde ao menos lhes recordemos as ruínas.

Com base na Teoria da Construcionalização e das mudanças construcionais, de Traugott e Trousdale (2013), que se insere nos pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), assume-se que o processo de transitivização em estudo seja um caso de construcionalização lexical, na medida em que tanto o entricheiramento do verbo e da preposição quanto a perda de composicionalidade acarretam uma FORMA_{NOVA}-SENTIDO_{NOVO}, cujo resultado representa uma nova aquisição para o inventário lexical.

Nas duas construções, [SUMIR.COM] e [DESAPARECER.COM], a preposição com encontra-se com seu sentido esmaecido – em que não se recupera sua noção básica de associação – e passa a operar conjuntamente com o verbo para a expressão de um novo sentido de valor resultativo, que poderia ser parafraseado pela seguinte construção com o verbo fazer: *alguém faz algo sumir/desaparecer*.

Defende-se que tal processo de construcionalização tenha sido cognitivamente motivado. Nessa perspectiva, haveria contextos atípicos (DIEWALD, 2006) que promoveriam uma inferência sugerida. Numa frase como “os dois desapareceram com o pálio”, por exemplo, é tanto possível entendê-la como os dois e o pálio desapareceram quanto os dois fizeram o pálio desaparecer. Neste último caso, a nova interpretação resulta numa construção transitiva – em um novo nó na rede construcional –, o que evidencia o aumento da produtividade desses verbos, que passaram a instanciar uma nova construção. Além disso, observa-se o aumento na frequência de uso nas ocorrências dessas microconstruções no final do século XX e início do XXI.

Paralelamente a essa defesa, assume-se que a inferência sugerida seja motivada pela tendência de o sujeito sintático perfilar uma propriedade de causação. Segundo Langacker (2008), o sujeito sintático tende a ser lexicalizado pelo termo mais proeminente da cadeia de ações¹. Sob essa ótica, acredita-se que a instanciação das microconstruções transitivas SUMIR.COM e DESAPARECER.COM seja favorecida pelo perfilamento de participantes com propriedades de causação juntos aos participantes de papel paciente.

A Linguística Funcional Centrada no Uso

A Linguística Funcional Centrada no Uso (doravante LFCU) – ou Linguística Cognitivo-Funcional – representa a união de duas abordagens complementares no estudo da linguagem: a Linguística Funcional e a Linguística Cognitiva. Ambas compartilham a ideia de que a estrutura linguística reflete a estrutura da experiência – isto é, “o conhecimento do mundo e o conhecimento linguístico seguem, essencialmente, os mesmos padrões” (CUNHA et al, 2013, p. 15) – e, por isso, incorporam semântica e pragmática em suas análises. Sob essa perspectiva, a categorização, o uso e a mudança linguística são o resultado de processos cognitivos e interacionais gerais, motivo pelo qual se devem considerar as funções semântico-cognitivas e discursivo-pragmáticas na descrição e explicitação dos fatos linguísticos.

Grosso modo, pode-se dizer que a LFCU representa uma reorientação metodológica do Funcionalismo Clássico, motivada pelo diálogo desta teoria com a Gramática de Construções, que é de orientação cognitiva (cf. GOLDBERG, 1995; CROFT, 2001). Mais recentemente, a abordagem tem recebido ainda novas contribuições, advindas da recente obra de Traugott e Trousdale (2013), Construcionalização e mudanças construcionais, que tem representado um modelo bastante promissor, na medida em que consegue articular bem essas duas linhas de pesquisa. Inclusive, a recente obra de T&T (2013) tem nos servido como referencial teórico no âmbito das investigações do grupo de pesquisa

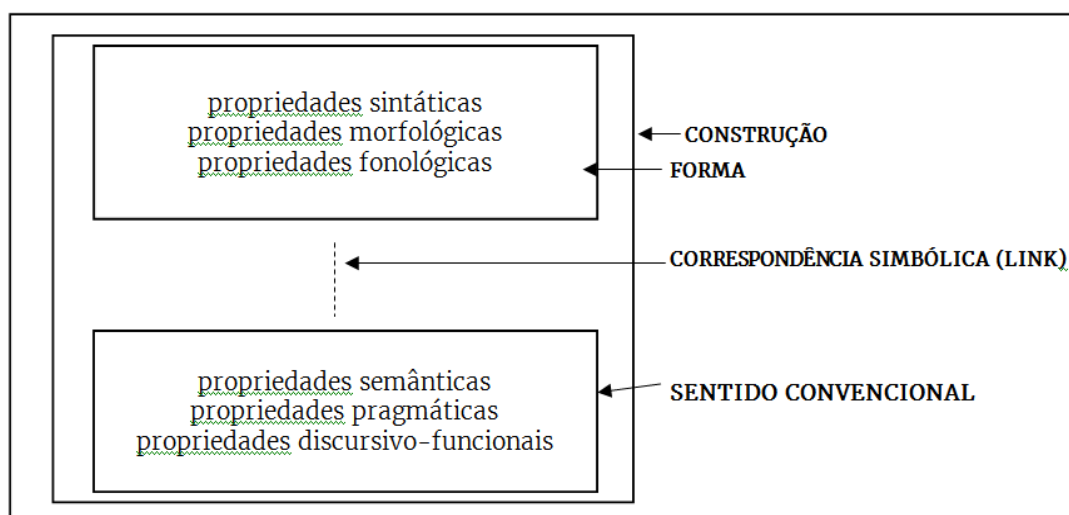
¹ Por cadeia de ações, compreende-se um arquétipo da gramática cognitiva, o qual esquematiza o processo de transferência de forças de um participante a outro. Como ilustração, podemos tomar como exemplos as frases “Pedro abriu a porta com a chave”, “A chave abriu a porta” e “A porta abriu”. Nos três casos, o não perfilamento do elemento mais proeminente da cadeia de ações (Pedro - chave - porta) favorece a lexicalização do participante seguinte como sujeito sintático. Ou seja, se Pedro, chave e porta encontram-se lexicalizados, Pedro tende à posição de sujeito; se chave e porta, chave tende a assumir essa posição; por fim, se só a porta é perfilada, ela tende a ser o sujeito sintático.

Discurso & Gramática (D&G), com polos na UFF, UFRJ e UFRN. A seguir, apresenta-se um pouco dessa perspectiva teórica articulada à análise de nossos dados, bem como outras abordagens convergentes que atendam ao nosso objeto de estudos.

A Teoria da Construcionalização e a transitivização das microconstruções SUMIR.COM e DESAPARECER.COM

A Gramática de Construções apresenta-se como um modelo não reducionista de teoria sintática, que concebe as construções como as unidades básicas de representação sintática e as categorias como uma derivação das construções em que elas se manifestam. Por construção, compreendemos uma relação simbólica dividida em duas contrapartes: um plano da forma – que apresenta propriedades sintáticas, morfológicas e fonológicas – e um plano do conteúdo – que prevê propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais. Tais planos podem ser simplificados da seguinte forma $[[F] \leftrightarrow [S]]$, sendo F a abreviação de forma e S, de sentido (isto é, conteúdo). Observe-se a representação esquemática abaixo:

Figura 1. A estrutura simbólica da construção (CROFT, 2001, p. 18)



Nesse modelo de representação, o processamento da estrutura e do sentido é simultâneo. A respeito do processamento, Croft (2001) afirma que

na primeira fase do processamento, o ouvinte reconhece a expressão como um exemplo de uma construção particular. Isto é, o ouvinte é capaz de identificar aquela representação

sintática como uma estrutura de uma construção particular. Na segunda fase, o ouvinte acessa a estrutura semântica da construção em sua memória através de uma relação simbólica entre toda a estrutura sintática e toda estrutura semântica. Nessa fase, o ouvinte também acessa os componentes semânticos e as relações semânticas entre os componentes. Na fase 3, o ouvinte identifica os elementos da construção sintática através dos papéis sintáticos da construção. Finalmente, na fase 4, o ouvinte utiliza as relações simbólicas para identificar os componentes semânticos apropriados correspondentes a cada elemento sintático (CROFT, 2001, p. 205).

Em termos práticos, ao se ouvir a frase Ele deu com a língua nos dentes, primeiro se reconhece a construção dar com a língua nos dentes como uma expressão idiomática, que é processada em bloco único (assim como seria um elemento lexical), o que parece muito mais plausível. Afinal, como ouvintes, não imaginamos alguém, literalmente, “batendo com a língua nos dentes” antes de atribuir à expressão seu sentido pretendido. Na verdade, atribui-se o sentido bem antes de se reconhecer qualquer relação sintática. Vale ressaltar que, nessa construção, há perda de composicionalidade na medida em que os elementos se encontram amalgamados. Sempre se deve dizer “dar com a língua nos dentes”, e não “meter a língua nos dentes”, por exemplo.

A despeito de o modelo analítico de Gramática de Construções elaborado por Croft (2001) ser, segundo Traugott (2008, p. 224), uma teoria adequada para o desenvolvimento de uma abordagem que correlacione mudança linguística e construções, a autora considera que o autor não dá muitos exemplos detalhados de mudança linguística, sobretudo de gramaticalização. De modo a preencher essa lacuna, a autora (2008) elabora um modelo de análise de mudança linguística adequado aos pressupostos da Gramática de Construções.

Em 2013, após apresentar diferentes modelos de Gramáticas de Construções, em parceria com Trousdale, Traugott lança a obra *Constructionalization and Constructional Changes*. Por construcionalização, os autores (2013, p. 22) compreendem “a criação de uma forma nova pareada com um significado novo, formando um novo nó na rede linguística de uma população de falantes, com nova sintaxe ou morfologia e novo significado codificado”². Tal processo pode ser classificado de duas formas distintas: construcionalização gramatical, de função procedural, e construcionalização lexical, de

2 “Constructionalization is the creation of formnew-meaningnew (combination of) signs. It forms new type nodes, which have new syntax or morphology and new coded meaning, in the linguistic network of a population of speakers.

função referencial. Por mudança construcional, por sua vez, os autores consideram a mudança linguística em só um dos polos, isto é, ou mudança de forma ou de sentido.

A construcionalização pode dar-se em diferentes níveis hierárquicos. Pode ocorrer no nível da microconstrução, no nível do sub-esquema e no nível do esquema, sendo a microconstrução a instância concreta da mudança, na medida em que ela representa o uso concreto da linguagem. Nesse sentido, mudanças em níveis mais acima, logo mais esquemáticas, ocorrem através de um processo indutivo (de baixo para cima), a partir dos tokens da microconstrução. Nesse caso, de um novo constructo (das ocorrências da microconstrução SUMIR.COM, por exemplo), abstrai-se um sub-esquema V.COM (com função prototipicamente transitiva, isto é, com sujeito agente e objeto afetado), que passa a fazer parte do esquema das construções transitivas. Formado um novo padrão V.COM, novos itens podem ser selecionados para compor essa construção, agora a partir de dedução (de cima para baixo, já que a regra tornou-se produtiva). Em nossa pesquisa, por exemplo, observa-se o mesmo padrão com DESAPARECER.COM e SUMIR.COM. Porém, sendo a primeira construção mais antiga na língua, ela possivelmente formou o sub-esquema, que se tornou produtivo e passou a aceitar a inserção de novos elementos, como o verbo sumir, por exemplo, cuja construção transitiva se forma posteriormente a de desaparecer.

Uma vez que esta pesquisa tem como objeto de estudo a construcionalização lexical e, em virtude da extensão permitida a este tipo de trabalho, trataremos neste artigo apenas esse tipo de construcionalização. Segundo Traugott e Trousdale (2013, p. 149), a construcionalização lexical é um processo em que uma $FORMA_{NOVA} - SENTIDO_{NOVO}$ torna-se um novo nó na rede e apresenta, no polo semântico, função referencial e, no polo formal, categorias como substantivo, verbo e adjetivo. Nesse sentido, diferencia-se da construcionalização gramatical, cuja função é procedural e cuja forma corresponde a categorias linguísticas mais gramaticais, como preposições, conjunções e marcadores discursivos, por exemplo.

Os dois processos, embora apresentem resultados distintos, apresentam trajetória análoga: perda inicial da composicionalidade no nível da microconstrução e, nas mudanças pós-construcionalização, a possibilidade de aumento na frequência do constructo – resultando em sua convencionalização – e redução interna como resultado da expansão da colocação da microconstrução. Nas construções transitivas

SUMIR.COM e DESAPARECER.COM, por exemplo, observa-se a perda de composicionalidade entre o verbo e a preposição com, ao passo que esta se encontra com sentido esmaecido, sem que seja recuperada a sua noção básica de associação. Paralelamente, efetuado o processo de construcionalização – isto é, compondo tais microconstruções um novo nó na constructicon³ –, elas se convencionalizam e apresentam o aumento de frequência, como podemos observar nas construções em estudo, comparando-se a frequência de uso no século XXI à dos séculos XIX e XX, conforme apontaremos, mais à frente, na análise de dados.

Tanto os dados analisados por Traugott e Trousdale (2013) quanto os nossos apontam que o processo de construcionalização apresenta, ao mesmo tempo, um caso de redução e de expansão. Em nossa pesquisa, por exemplo, de um lado, a preposição com encontra-se em trajetória de gramaticalização – mais dessemantizada e mais entrincheirada ao verbo – e, nesse sentido, apresenta uma redução, já que duas formas passam a apresentar um só sentido; de outro, o pareamento FORMANOVA-SENTIDONOVO representa a aquisição de uma nova construção na constructicon e, por isso, representa uma expansão, um ganho no sistema.

Na obra de T&T (2013, p.154), os autores, por questões metodológicas, adotam uma notação especial para a representação dos diferentes tipos de construcionalização lexical. Em nosso objeto de estudo, por exemplo, fazemos uso do ponto para separar os dois elementos previstos pela construção e colocamos o elemento gramaticalizado em caixa-alta em fonte menor: V.COM, ou seja, SUMIR.COM e DESAPARECER.COM. Esse tipo de notação nos serve para distinguir quando a preposição se apresenta mais amalgamada ao verbo – e, portanto, numa construção transitiva – de quando ela é um elemento que inicia um adjunto – em uma construção menos transitiva⁴.

A Gramática Cognitiva e a motivação para a transitivização de sumir e desaparecer

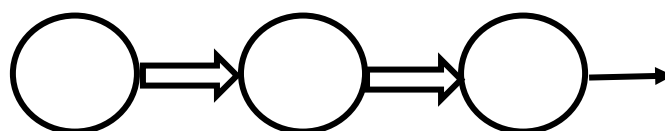
3 Constructicon é um termo para fazer referência ao inventário de construções linguísticas – de diferentes extensões –, organizadas em uma rede conceptual hierarquizada, na mente humana.

4 Vale ressaltar que utilizamos, aqui, o conceito de transitividade adotado por Hopper e Thompson (1980), para quem a transitividade é um elemento escalar atribuído a toda a oração. Nesse sentido, no lugar de se classificar o verbo como transitivo direto, indireto ou intransitivo, classifica-se toda a oração em um conjunto 10 critérios que apontam as orações como sendo mais ou menos transitivas (e não transitivas ou intransitivas).

A Gramática Cognitiva (LANGACKER, 2008) é um amplo modelo de análise linguística, cuja fundamentação é pautada em diversas categorias de natureza cognitiva. Nessa abordagem, as estruturas gramaticais são concebidas como inerentemente simbólicas (assim como nas abordagens construcionistas) e fornecem a estruturação e a simbolização convencional do conteúdo conceptual. Logo, o significado é relacionado à conceptualização, e o objetivo da semântica é direcionado à descrição explícita de entidades abstratas, como pensamentos e conceitos. Nessa perspectiva, nega-se a ideia de estruturas semânticas reduzidas a um conjunto de traços (nos termos propostos por KATZ e FODOR, 1963). Em vez disso, as estruturas semânticas, tecnicamente denominadas predicções são caracterizadas em relação a domínios, que podem incluir experiências perceptuais, conceitos, complexos conceptuais e sistemas elaborados de conhecimento.

A Gramática Cognitiva faz uso de um amplo espectro de esquemas imagéticos, que constitui o arcabouço da teoria. No entanto, como nossa análise não contempla todos esses conceitos, focalizar-se-á apenas o arquétipo cadeia de ações, que mostra a relação existente entre a posição sintática do sujeito e o participante conceptualmente mais proeminente na transferência de forças.

Figura 2. Representação do arquétipo cadeia de ações



Para Langacker (2008, p.355), uma cláusula (e seus constituintes) está fundamentada na experiência humana básica. Nessa perspectiva, nossa atenção focaliza os objetos (e pessoas) que se movem pelo espaço e batem uns nos outros através de fortes contatos físicos. Na verdade, inclusive, quanto mais se move o objeto e quanto mais força ele exerce sobre o outro mais proeminente ele é para o nosso sistema conceptual e isso impacta a forma como o representamos nas sentenças. Para Langacker (2008), há uma forte tendência para que o termo mais proeminente na cadeia de ações ocupe a posição de sujeito sintático.

Quando nada de mais está acontecendo, um evento chama nossa atenção, especialmente se for uma forte ação efetuando uma mudança. O ator tende fortemente a tornar-se o foco da atenção, pelo fato de ser o participante mais ativo assim como a origem da energia. A orientação para o agente responde à

tendência de pôr o ator no foco da expressão linguística. Na decodificação padrão dos elementos canônicos, o foco proeminente primário é conferido ao núcleo da cadeia de ação, ao agente que inicia a cadeia de interações. O alinhamento do trajecto da cláusula com o agente é canônico em muitas línguas (se não em todas). Em línguas desse tipo, agente é o sujeito prototípico (LANGACKER, 2008, p. 367).

Quando o elemento mais proeminente da cadeia de ações não se encontra perfilado, no entanto, é comum que o elemento seguinte da cadeia ocupe a posição de sujeito sintático, segundo Langacker (2008). Em um exemplo como John quebrou o copo com a bola de beisebol, temos os três participantes, tendo ocupado o mais proeminente da cadeia a posição sintática de sujeito (John -> bola de beisebol -> copo). Na ausência desse primeiro elemento, bola de beisebol tende a ocupar a posição de sujeito (a bola de beisebol quebrou o copo). Na ausência dos dois primeiros, copo tende a assumir essa posição: o copo quebrou. Inclusive, nesse sentido, Langacker diz que “quando o perfilamento é limitado à interação instrumento-paciente, o instrumento é o escolhido: ele é semelhante ao agente porque afeta o paciente em termos locais, como a origem de energia” (LANGACKER, 2008, p. 369).

No que tange ao nosso objeto de estudo, assumimos que a construcionalização de SUMIR.COM e DESAPARECER.COM tenha sido cognitivamente motivada por esse arquétipo. Nesse sentido, defende-se que a construção inacusativa de sumir e desaparecer, seguida de adjuntos adverbiais iniciados por com com propriedade de causação (TALMY, 2000)⁵, em contextos atípicos, promoveu uma inferência sugerida (TRAUGOTT e DASHER, 2005) ou analogização (T&T, 2013)⁶. Como ilustração, observe-se o exemplo:

(5) Se o financiador teme que o financiado **desapareça com** o dinheiro, a proteção dada pelo contrato é muito limitada.

Em (5), é importante observar que a cláusula apresenta uma certa ambiguidade: o financiado pode desaparecer por causa do dinheiro ou o financiado pode fazer o dinheiro desaparecer. Nesse sentido, em virtude de implicaturas conversacionais, o sujeito sintático pode passar a ser

5 Por propriedade de causação, referimo-nos aos participantes que representam a fonte de energia em relação a um outro participante da cadeia de ações.

6 Por inferência sugerida ou analogização (T&T, 2013), entende-se o mecanismo cognitivo em que uma estrutura linguística é reinterpretada pragmaticamente – por processo de inferência –, sem que ainda apresente variação a estrutura morfosintática. O novo nome (analogização em vez de analogia) deve-se à obra de T&T, que julgam ser necessário um nome diferente para distinguir processo de resultado.

interpretado como sendo preenchido por um termo de papel agente, e não paciente, o que justificaria o pareamento de uma FORMA_{NOVA} – SENDIDO_{NOVO}, um novo nó na constructicon.

Como modo de evidenciar que esse tipo de contexto favoreceria ao processo de analogização, observamos em nossos corpora que os adjuntos adverbiais iniciados por com, aos quais se podia atribuir uma propriedade de causação, permitem ser invertidos para a posição de sujeito e, seu sujeito sintático original, para a posição de objeto. Para tal, procedemos a um teste de inversão, exemplificado no quadro abaixo:

Quadro 1. Teste de inversão 1: adjuntos adverbiais com propriedade de causação

Exemplos extraídos dos corpora (construção inacusativas)	Teste de inversão (Da construção inacusativas à construção transitiva.)
(6) Milhares de postos de trabalho sumiram com a reengenharia. (causa)	A reengenharia sumiu com milhares de postos de trabalho.
(7) <u>Com Clear</u> , a caspa desaparece (instrumento)	Clear desaparece com a caspa.

No entanto, esse procedimento não é possível quando o adjunto adverbial iniciado pela preposição com não apresenta propriedade de causação, na medida em que forma sentenças incoerentes, como vemos a seguir:

Quadro 2. Teste de inversão 2: adjuntos adverbiais sem propriedade de causação

Exemplos extraídos dos corpora (construção inacusativas)	Teste de inversão (Da construção inacusativas à construção transitiva.)
(8) Depois, lavar a cabeça com a macela cozida e a gripe vai sumir com muita facilidade. (modo)	* (...) muita facilidade vai <i>sumir com</i> a gripe.
(9) Alguns compositores prematuramente desapareceram com mais ou menos 40 anos de idade.	* Mais ou menos 40 anos de idade <i>desapareceram com</i> alguns compositores prematuramente.

Portanto, retomando-se a proposta de construcionalização, defende-se que a propriedade semântica de causação representa um importante mecanismo conceptual na transitivização de sumir e

desaparecer. Nesse processo, estão envolvidas tanto a analogização – na medida em que há uma reinterpretação da estrutura inacusativas – quanto a neoanálise⁷, quando esse processo se fixa, em nível morfossintático, como uma nova construção na língua: [S_{agt} V.COM OBJ_{afetado}].

Contextos de mudança linguística e aplicação ao nosso objeto de análise

Embora a mudança linguística seja cognitivamente motivada, ela não ocorre espontaneamente na língua. Segundo Diewald (2006), além de processual, a mudança é motivada (acionada) por contextos atípicos, que propiciam um pensamento analógico que pode vir a resultar em neoanálise, isto é, em nova morfossintaxe. Segundo a autora (2006), esse processo se dá em três estágios:

Estágio	Contexto	Sentido/Função
1. Pré-condições de gramaticalização	Contextos atípicos	Implicatura conversacional
2. Desencadeamento da gramaticalização	Contexto crítico	Opacidade múltipla
3. Reorganização e diferenciação	Contextos isolantes	Polissemia/heterossemia

No primeiro estágio, as pré-condições para o processo de gramaticalização se desenvolvem, ao se apresentar uma expansão da unidade lexical em um contexto novo. Por isso, Diewald (2006) caracteriza-o como um contexto atípico. Nesse novo ambiente, o novo sentido, que pode gramaticalizar-se futuramente, desenvolve-se como uma implicatura conversacional, isto é, esse sentido é contextual e pragmaticamente desencadeado, e não se encontra explicitamente decodificado em itens linguísticos. O segundo estágio descreve o processo de gramaticalização em curso. Está associado a uma construção bem marcada, em um contexto considerado crítico, sendo caracterizado por uma opacidade tanto estrutural quanto semântica. Por isso, suscita

⁷ Segundo T&T (2013), a neoanálise representa um mecanismo de mudança morfossintática semelhante à reanálise. A diferença reside no fato de que a reanálise pode prever mudanças em larga escala, enquanto a neoanálise trabalha com a mudança em microescala. Os autores defendem que todo processo de gramaticalização é gradual, de modo que a mudança em larga escala – como a reanálise de um verbo pleno para um verbo auxiliar de futuro – pode ser explicitada em pequenos processos de neoanálise, por exemplo.

várias interpretações, dentre elas o novo sentido gramatical. O contexto crítico funciona como um tipo de catalisador, na medida em que ocorre apenas no segundo estágio e desaparece em estágio mais avançado de gramaticalização. Já o terceiro estágio mostra a consolidação do processo de gramaticalização, isto é, a reorganização e a diferenciação das estruturas gramaticais. Nessa fase, o novo sentido gramatical é isolado, tornando-se distanciado do sentido que lhe deu origem, de natureza mais lexical ou menos gramatical.

Segundo Diewald (2006, p. 12), o processo de gramaticalização, sob critérios construcionais, dá-se em parâmetros semelhantes aos já consagrados pelo Funcionalismo, sendo aplicável a mesma escala de gramaticalização elaborada por Givón (1979, p. 209), discurso > sintaxe > morfologia > morfofonêmica > zero. Porém, o grande mérito das abordagens construcionais está em não fazer uma distinção rígida entre características sintáticas, semânticas e pragmáticas, mas postular “uma integração gestáltica das restrições formais, semânticas e pragmáticas” (MICHAELIS & LAMBRECHT, 1996⁸).

No que se refere às construções em análise, DESAPARECER.COM e SUMIR.COM, observou-se que a primeira, além de mais frequente no português, é mais antiga na língua. Embora as duas construções transitivas ocorram somente no século XIX, os contextos atípicos da construção inacusativa ocorrem somente com desaparecer no século XVIII, enquanto não há ocorrências de sumir seguido da preposição com nesse mesmo período. Vejamos três exemplos, sendo o primeiro do século XVIII:

(10) É ainda a sua vaidade que fala. O amor, esse **desapareceu** com o último níquel (romance do século XVIII).

(11) Aurélio ninguém se mata e depois **desaparece com** a arma (romance do século XIX).

(12) Para ajudar Aécio, mídia **desaparece com** aeroporto (notícia do século XXI).

No primeiro caso, contexto atípico, a interpretação mais provável é a de que o amor terminou, assim que o dinheiro acabou. Porém, seria possível uma interpretação em que apenas o amor deu cabo a todo o dinheiro. Em (11), já um contexto crítico, há uma tendência maior para a interpretação transitiva (é provável que apenas a arma tenha desaparecido, e não o corpo), porém ainda é possível uma interpretação

8 Apud Diewald (2006, p.12)

em que a vítima também desapareça. Já em (12), temos um contexto isolante, na medida em que fica claro que apenas o aeroporto “desapareceu”, e não a mídia.

Haja vista que DESAPARECER.COM é uma construção mais antiga e, por isso, representou uma construcionalização lexical anteriormente a SUMIR.COM, é muito provável que esta última tenha se formado por método dedutivo, como falamos anteriormente. Nesse sentido, defendemos que uma construção mais esquemática (um sub-esquema V.COM) foi abstraída por indução da microconstrução DESAPARECER.COM e, uma vez formado esse sub-esquema, ele se tornou produtivo e passou a instanciar novos itens, como sumir, de sentido análogo a desaparecer.

Caracterização dos corpora e dados quantitativos

Ao longo deste artigo, por questões tanto didáticas quanto por questões de extensão esperada para um artigo, optou-se por articular a análise do objeto de estudos às categorias pertinentes à LFCU ao longo da apresentação do referencial teórico, atendendo-se, nesse sentido, a um tratamento qualitativo dos dados. A esta seção, destinamos, sobretudo, à explicitação do corpus e aos dados quantitativos, que visam à confirmação de nossas hipóteses, retomadas abaixo:

(a) SUMIR.COM e DESAPARECER.COM são construções transitivas.

Por serem mais recentes na língua, advieram de um processo de construcionalização lexical, em que tais verbos, em uma construção inacusativa seguida por adjunto adverbial com propriedade de causação, apresentaram-se em contextos atípicos que propiciaram primeiramente uma analogização e posterior neoanálise.

(b) A construção transitiva obedece a um critério cognitivo, para o qual o sujeito sintático tende a ser o elemento mais proeminente da cadeia de ações. Nesse sentido, uma vez que o sujeito sintático da construção inacusativa é um termo de papel paciente, um adjunto com propriedade de causação tende a competir por esse papel sintático.

Caraterização dos corpora

Uma vez que se procura descrever o processo de transitivização de desaparecer e sumir, foi necessário recorrer a corpora de diferentes sincronias como forma de analisar os diferentes aspectos semânticos e morfossintáticos assumidos por esses verbos. Ademais, como esta pesquisa é centrada no uso real da língua, defende-se que o fenômeno em análise só possa ser descrito com base em dados concretos, e não em formulações teóricas abstratas e descontextualizadas.

Devido à baixa frequência de uso dos itens lexicais desaparecer e sumir no Corpus do Português⁹ (www.corpusdoportugues.org), com dados diacrônicos desde o século XIV, optamos por recorrer também ao Corpus do Português Brasileiro¹⁰ (www.sketchengine.co.uk) como forma de atestar a frequência de uso das construções transitivas em nossa sincronia. No primeiro corpus, por exemplo, há apenas 66 ocorrências dos verbos desaparecer e sumir seguidos pela preposição com (mais especificamente, 20 ocorrências no século XVIII para o verbo desaparecer e 46 ocorrências no século XIX para os dois verbos), sendo apenas 15 delas em construções transitivas. Já no Corpus do Português Brasileiro, há aproximadamente 4500 ocorrências para os verbos sumir e desaparecer seguidos por com e, dentre essas ocorrências, aproximadamente 1/3 delas é da construção transitiva¹¹. Essa diferença é marcada pela diferença na extensão dos corpora: no primeiro, há 45.000.000 de palavras; no segundo, aproximadamente 4 bilhões de palavras. Vale ressaltar que as ocorrências que analisamos para a composição de nossa análise foram extraídas de notícias de jornal e romances, gêneros discursivos presentes nos dois corpora.

Frequência percentual das ocorrências

Na análise dos dados, procedemos ao levantamento tanto das ocorrências totais de sumir e desaparecer (isto é, em quaisquer construções) quanto das ocorrências em que tais verbos são seguidos pela preposição com, separando os dados conforme se apresentam em construções inacusativas ou transitivas. Desse modo, chegamos aos seguintes números e percentuais.

⁹ Cf. DAVIES, 2006.

¹⁰ Cf. KILGARRIFF, 2014.

¹¹ Para chegar a esse cálculo, analisamos duzentas ocorrências no corpus e fizemos uma média percentual relativa.

Quadro 4. Resumo dos dados levantados por período.

	Ocorrências gerais dos verbos sumir e desaparecer	Ocorrências da construção inacusativas de verbo seguido da preposição com		Ocorrências da construção transitiva V.COM	
	No	No	%	No	%
Século XVIII	948	20	2,10	–	–
Século XIX	1842	46	2,49	15	0,81
Século XX e XXI	89452	4443	4,96	1987	2,22

12

No quadro acima, observamos que a construção inacusativa seguida pela preposição com apareceu primeiro na língua no século XVIII, quando ainda não havia a construção transitiva. Dentre esses dados, vale lembrar que só há ocorrências de desaparecer no Corpus do Português. No século XIX, surge a construção transitiva, com menos de 1% das ocorrências entre todos os usos de desaparecer e sumir (representando aproximadamente 23% das construções desses verbos seguidos de com). Nos séculos XX e XXI, observamos um grande aumento percentual das construções, que representam um pouco mais de 2% de todas as ocorrências de desaparecer e sumir nos corpora e 31% das construções em que os verbos são seguidos por com. Tais dados evidenciam tanto a consolidação da construcionalização quanto apontam o aumento da frequência de uso.

Considerações finais

Neste estudo, buscou-se explicitar o processo de transitivização de sumir e desaparecer no português, articulando as descobertas recentes da LFCU e algumas categorias cognitivas do modelo de Langacker (2008) com o nosso objeto de estudos. Para tal, recorreremos

12 Enquanto o percentual dos séculos XIV ao XIX é um percentual real, no século XX e XXI, o percentual é uma média relativa, em virtude da quantidade de dados.

a diferentes sincronias com o objetivo de identificar o início do processo de construcionalização V.COM no português. Nesse sentido, nossos dados atestaram que a construcionalização se deu no século XIX, quando constatamos as primeiras ocorrências em textos de modalidade escrita (que já denunciavam uma convencionalização da forma, haja vista que a escrita está presente nos gêneros textuais mais monitorados). Observamos que houve aumento de produtividade de desaparecer e sumir, que passaram a instanciar uma nova construção na língua. Paralelamente, observamos que a construção transitiva tem se tornado mais frequente em nossa sincronia, o que ajuda a confirmar a consolidação da nova construção no português.

Referências

CROFT, W. *Radical Construction Grammar*. New York: Oxford University Press, 2001.

CUNHA, M. A. F.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. *Linguística Funcional Centrada no Uso: conceitos básicos e categorias analíticas*. In: CEZARIO, M.M.; CUNHA, M. A. F. *Linguística Centrada no Uso. Uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2013, p.13-40.

DAVIES, M.; FERREIRA, M. (2006). *Corpus do Português: 45 million words, 1300s-1900s*. Disponível em <<http://www.corpusdoportugues.org>>. Acesso em 29 de agosto de 2016.

DIEWALD, G. *Contexts types in grammaticalization as constructions*. Hannover. Set de 2006. Disponível em: < <http://journals.linguisticsociety.org/elaanguage/constructions/article/download/24/24-82-1-PB.pdf>> Acesso em 29 de agosto de 2016.

GIVÓN, T. (ORG.) *Syntax and semantics*. V. 12. *Discourse and Syntax*. Los Angeles: Academic Press/ University of Southern California, 1979.

GOLDBERG, A. E. *A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. London: University of Chicago Press, 1995.

HOPPER, P.; THOMPSON, S. A. *Transitivity in Grammar and Discourse*. In: *Language*, v. 56, n. 2, 1980.

KATZ, J. J.; FODOR, J. A. *The structure of a semantic theory*. *Language*, 1963.

KILGARRIF, A. et. Al. (2014) *The Sketch Engine*. *Corpus do Português Brasileiro*. Disponível em <<http://the.sketchengine.co.uk/>>. Acessado em 10 de agosto de 2016.

LANGACKER, R. *Cognitive Grammar*. New York: Oxford University Press, 2008.

TALMY, L. *Toward a Cognitive Semantics*. Vol I. *Concept Structuring Systems*. Cambridge: The MIT Press, 2000.

TRAUGOTT, E. C.; DASHER, R. B. Regularity in Semantic Change. Cambridge: Cambridge University Press.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. Constructionalization and constructional changes. New York: Oxford University Press, 2013.

TRAUGOTT, E.C. Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: Suggestions from the development of degree modifiers in English. In: ECKARDT, R.; JÄDER, G.; VEENSTRA, T (eds.). Variation, Selection, Development – Probing the Evolutionary Model of Language. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2008, p. 219–250.

Recebido em: 31 de ago. de 2016

Aceito em: 26 de dez. de 2016